

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
O Mundo Secreto de Sergei Paradjanov
28 de Março de 2025

THE LILAC WIND OF PARADJANOV
SIRENEVII VETER PARADJANOVA/ 2024

um filme de Ali Khamraev

Realização, Argumento: Ali Khamraev *Fotografia (cor):* Iuri Klimenko *Música:* Gulbustan Tachbaev (*montagem*) *Montagem:* Vardan Khatchatrian, Rakhmatilla Iakubov *Som:* David Davtian, Abdukahor Karimov *Animação:* "Search", Alissa Chadrina; "Wedding", Maria Savenkova; "Prison", Ivan Bonsarenko; "Armenian Viola", Grigor Arakelian *Trechos musicais:* J.S. Bach, Camille Saint-Saëns, Rondò veneziano, Beethoven, Vivaldi, Erik Satie, Claude Debussy, Arno Babadjanian, Isaak Dunaievski, Rumil Vildanov, "Suliko" – uma canção popular georgiana, pelo ensemble "Bassiani" *Com (testemunhos):* Svetlana Chtcherbatiuk (mulher de Paradjanov), Andrei Khrjanovski (realizador), Gareguin Zakoian (argumentista), Tigran Mansurian (compositor de *Sayat-Nova*), Roman Balaian (realizador), Igor Uchakov (companheiro de cela), Artavazvd Pelechian (realizador), Vakhtang Kuntsev (realizador), Guivi Djibladze, Zura Sinatachvili, Andrei Alfiorov (crítico de cinema), Aleksandr Rodnianski (produtor), Larissa Kadotchnikova (actriz), Irakli Kvirikadze (realizador), Mikhail Boguin (realizador), Ali Khamraev.

Produção: Arménia, Uzbequistão, Ucrânia, Itália, 2024* *Produtores:* Roman Balaian, Ali Ergach Khamraev *Produtor executivo:* Garsev Khatchatrian *Cópia:* DCP, cor e preto-e-branco, com legendas em inglês e electrónicas em português, 75 minutos *Estreia mundial:* IFFR-Festival Internacional de Cinema de Roterdão (selecção oficial) *Primeira apresentação em Portugal, na Cinemateca.*

* 2024 é a data do copyright impresso na cópia que vamos apresentar. O filme tem circulado como sendo uma produção de 2025, ano da sua primeira apresentação pública.

Tenho para mim que Sergei Paradjanov havia de gostar de jacarandás. Os de Lisboa, que florescem de Maio a Junho para colorir a Primavera da cidade de azul-violeta. São árvores originárias da América do Sul, da espécie *Jacaranda mimosifolia*, nativas da Argentina, da Bolívia, do Paraguai. Chegaram a Lisboa com os ventos que empurravam as embarcações para o Tejo no início do século XIX com sementes do Brasil, destinadas à colecção do Jardim Botânico da Ajuda e que se foram espalhando pelas ruas da urbe. Há uma copa de árvore violeta em *The Lilac Wind of Paradjanov*, o título primaveril de Ali Khamraev para o retrato de Paradjanov construído entre dois planos de chuva numa vidraça com vista para árvores.

É um tributo na primeira pessoa. Ali Khamraev filma-se sozinho, do lado recolhido da janela a olhar a chuva lá fora. Ouvimos: "Não enterrei Sergei Paradjanov. Às vezes julgo que ele vai aparecer à porta de supetão e que a sua voz forte se fará ouvir: 'Porquê essa tristeza?! Deixa lá essa tristeza! Sabes com quem acabei de me cruzar na rua? Com o Andrei Tarkovski.'" O plano seguinte é, depois das imagens de arquivo do funeral do cineasta, "Arménia, 25 de Julho de 1990", o primeiro plano de Paradjanov no filme e a primeira vez em que se escuta a sua energia, "Acção! Com solenidade! Com solenidade!" É material de rodagem de um dos seus filmes, ao *ralenti*, o momento em que, a abrir *The Lilac Wind of Paradjanov*, se escuta o seu entendimento sobre o ofício de cineasta – frases desgarradas? –: "Pregar no ecrã. Eu estava predisposto à a propaganda anti-soviética. Gorbachev precisa de ternura. Tenho o sonho recorrente de fazer um filme sobre Joana d'Arc. Precisamos de voltar a revitalizar os realizadores e precisamos de agir agora. Precisamos de um Tarkovski."

Trabalhando imagens de arquivo, excertos de filmes (de Paradjanov e de Khamraev), canções e trechos musicais, fotografias, escritos, documentação de Paradjanov, filmes de animação, Khamraev reconstitui a bio-filmografia do primeiro, desde o seu nascimento em Tibilisi em 1924, filho de pais com sensibilidade artística, uma mãe cultivou nele o gosto pela música e a dança desde pequeno. A narração em *off* e acrescentos informativos, como legendas sobre imagens, participam do retrato comentado pelo próprio Paradjanov e um círculo de próximos, que com ele privaram e trabalharam. É Paradjanov quem conta, e canta, a juventude do percurso musical que o levou a ser tenor no conservatório de Moscovo. "Depois aborreci-me e decidi explorar o cinema." Tinha 21 anos, prossegue o narrador, identificando Igor Savchenko como mestre do futuro cineasta, que se estreia como seu

assistente e seu actor, e mais tarde reconhece novo mestre em Aleksandr Dovjenko, que o aconselha a ir filmar na Ucrânia.

Continua o narrador, “Paradjanov é acusado até hoje de ter filmado uma dúzia de filmes, documentais e de ficção no princípio da sua carreira. [...] Mas] dominou as complexidades da profissão ano após ano, ganhou a vida, chegou a conseguir comprar um casaco caro. E acreditem no que vos digo, há achados importantes em alguns planos!” Acreditamos, sim senhor. Não somos sequer tão severos, esta retrospectiva tem mostrado que não é caso disso – viva *Andriech*! Viva a “*Rapsódia Ucrâniana*”! vivam as muitas experiências de tantos planos dos seus primeiros filmes –, pese embora as obras-primas reconhecidas terem começado com “*Cavalos de Fogo*” ou “*Sombras dos Nossos Antepassados Esquecidos*” (1964) trazendo consigo o princípio do calvário com as autoridades soviéticas, que lhe foram apontando – e ao seu trabalho – inúmeros defeitos pessoais e heresias artísticas, tais como o facto de falar as línguas dos “seus” países nos “seus” países ou a contradição da sua obra com o dogma do “realismo socialista”. “*Os Frescos de Kiev*” (1965) ataçaram a coisa levando-o a ser expulso de volta à Arménia, que, com a Ucrânia e a Geórgia forma a geografia tangível do seu cinema. Di-lo o realizador Roman Balain a dada altura deste filme, “Paradjanov pode tocar todas as almas, penetra fundo e mais fundo e mais fundo.”

Devolvendo experiências na primeira pessoa, uma dimensão humana comovente, os testemunhos filmados por Ali Khamraev são preciosos. Gareguin Zakoian, argumentista, conta a história da vez em que Paradjanov subiu cinco andares ao colo com a mulher de Georges Pompidou, recebendo a visita de ambos trajado a rigor e sublinha, na sua expressão, as pausas, as palavras e frases semi-abandonadas que atingiam “um efeito mágico e místico”. Tigran Mansurian, compositor de *Sayat-Nova*, fala dele como um contador de histórias, uma pessoa que deixava frases suspensas, fitava o tecto ou mergulhava nos próprios pensamentos com a mesma intensidade. Alguém sublinha como “este homem não habitava o planeta Terra. Vivia num mundo dele, um mundo que só existia na sua cabeça”, como aprendeu a trabalhar com as mãos na prisão – onde por três vezes esteve violentamente encarcerado, conseguindo sobreviver a três tiranos, dizia ele. Noutro passo, uma espécie de súplica, “A sua visão era cósmica”.

Os acontecimentos, episódios, memórias vão sendo desfiados no curso do filme em quatro, cinco partes, que destaca como “capítulos” – *Falta de liberdade* (a história da violência das prisões, da perseguição pelo regime, a petição pela sua libertação da comunidade internacional assinada por pares como Luis Buñuel, Resnais, Godard, Truffaut, Costa-Gravas, Fellini, Antonioni, Bertolucci, Tati, Tonino Guerra); *Liberdade* (a resistência pessoal, uma verdadeira liberdade de espírito e criativa, a amizade e admiração por Tarkovski); o *Relacionamento* com Khamraev desde que se conheceram em Moscovo, em Março de 1985, depois da projecção da “*Lenda da Fortaleza de Suram*” (a crónica dessa amizade, algumas confissões, a visita ao Museu, a Tiblíssi em 2023, no fundo o reflexo da viagem que Khamraev fez com Iuri Klimenko, director de fotografia de Paradjanov, pela Arménia e a Geórgia para este retrato-homenagem); *Mamute* que vai de Veneza 2023 a material de arquivo de Paradjanov em Munique e Roterdão 1988 ou Paris 1990, quando se despedia deste mundo. “Acredito que fiz filmes internacionais. Toquei muçulmanos, católicos e cristãos.” Outra confissão na primeira pessoa é a de que “as primeiras cópias de *Sayat-Nova* foram a solução mais próxima da perfeição. Depois o filme foi modificado e perdeu-se. Quando falamos do filme agora, só temos meia-medida.”

Histórias mais secretas, um plano muito íntimo, dão conta, em *The Lilac Wind of Paradjanov*, como lhe surgiu, por exemplo, a imagem dos cavalos de sangue num dos seus filmes mais célebres. No *Epílogo* – última das partes, a árvore, o violinista, os planos das romãs e do sangue compõem o desfecho em que Khamraev se ajoelha literalmente diante da imagem do seu amigo. É um retrato sentido, com o afecto, a atenção, o humor condicentes. Registando para memória futura palavras, imagens, sons, alguns bastidores. Ou os estranhos pedidos atendidos pelo director de som Gari Kuntsev (conta o seu filho) quando Paradjanov lhe pedia matérias como o som de um vento do século XVI, ou um vento lilás.